



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS

APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM:
RESGATANDO IDENTIDADES

Divina de Almeida Caixeta

Goiânia,

2021.

Divina de Almeida Caixeta

APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM:

RESGATANDO IDENTIDADES

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizete Albina Ferreira

Goiânia,

2021.

Divina de Almeida Caixeta

**APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM:
RESGATANDO IDENTIDADES**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizete Albina Ferreira

Banca Examinadora

Orientadora: Professora Dr.^a Elizete Albina Ferreira

PUCGO

Leitora: Professora Esp. Edinalva Soares de Carvalho Oliveira

CEFET-UFG

Goiânia,

2021.

Dedicatória

Dedico esse trabalho aos meus filhos, ao meu pai e a minha comunidade quilombola, "São Sebastião da Garganta", que muito contribuíram em minha trajetória.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por ter me conduzido do começo ao fim desta formação acadêmica.

A minha família, por me apoiar e me ajudar, meu esposo, Aguiamar Luís, que faleceu em 2018, e que me incentivou até o último dia de vida.

A minha filha, Marina, que esteve sempre ao meu lado.

A todos os colegas, que muito me ampararam nessa travessia: Thay, Thales, Dani, Andressa, Pedro.

À coordenação do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Goiás; e a todos os professores por terem contribuído para a minha formação.

A minha orientadora, Professora Dr^a Elizete Albina Ferreira que, com tanto carinho e incentivo, abraçou esse tema que é parte da minha vida.

Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e renegociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento' quanto para a 'identidade'. (BAUMAN, 2005, p. 17).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a pesquisa sobre como se dá a relação entre a apropriação da linguagem e o resgate da identidade dos sujeitos destituídos de uma representatividade social. A escolha do tema surgiu a partir de meu ingresso nas aulas de linguística, especificamente sociolinguística, pois a partir daquele momento, absorvendo conhecimentos, abracei minha própria história no que se refere à minha cultura e identidade. Abordar o tema foi importante porque só a partir daí reconheci que, dentro um contexto de nação, existem muitas formas de falar entre os sujeitos pertencentes a um mesmo "povo", e que isso não é errado, mas sim considerado como variações linguísticas, pois cada palavra dita tem toda uma hierarquia, uma etimologia que requer pesquisa. As principais obras lidas foram os textos teóricos de: Miguel Archanjo de Freitas Júnior e Tatiane Pericelli; Lidiane Pereira Coelho e Diana Pereira Coelho de Mesquita; Tomaz Tadeu da Silva; Stuart Hall; Kathryn Woodward, entre outros

Palavras-chave: Identidade. Linguagem. Comunidade. Nacionalidade.

SUMÁRIO

RESUMO.....	07
INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 - IDENTIDADE E DIFERENÇA.....	10
1.1 Definindo conceitos.....	10
1.2 Identidade e o sentido de pertencimento.....	12
CAPÍTULO 2 – LÍNGUAGEM E IDENTIDADE.....	15
2.1 Apropriações discursivas.....	15
2.2 Cultura e Identidade.....	18
CAPÍTULO 3 – RESGATANDO IDENTIDADES.....	21
3.1 Falas e falares.....	21
3.2 Registros fotográficos.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS.....	33

INTRODUÇÃO

Assim como a filosofia clássica ocidental, que separou a fala da escrita, colocando essa última em situação subalterna, sob a alegação de sua artificialidade, séculos mais tarde, Ferdinand de Saussure (2012) também faz o mesmo, apesar de considerar a língua como um sistema de discrepâncias. Tempos depois, Jacques Derrida (2011) situa o “significante e significante” como a inscrição e marca, que antecede a própria fala.

Se a língua é caracterizada pela constante diferenciação de si mesma e se não há uma verdade enquanto tal, tampouco um “significado transcendental”, isso implica dizer que não existe um sujeito senhor de si e de sua verdade, ou seja, um sujeito “presente a si” (DERRIDA, 2011, p. 15). Consequentemente, a questão da identidade é reconfigurada sob outra perspectiva.

Nesse aspecto, a presente pesquisa intenta discutir o caráter de afirmação de uma identidade a partir da apropriação da linguagem, e foi realizada no povoado do quilombo "São Sebastião da Garganta" (Z'Almeida), no município de Silvânia Goiás, no dia três de abril de 2021 (sábado). O trabalho foi feito através de visitas, previamente agendadas, mediante todos os cuidados necessários devido à proliferação da Covid 19. Foram colhidos depoimentos e fotografias.

O instrumento selecionado para a coleta de dados foi o smartphone. Os dados coletados através de áudios foram registrados em manuscritos e apresentados via slides.

A ideia central do tema tem como objetivo a valorização cultural, identidade, hábitos e costumes dos quilombolas, pois todos esses elementos são preciosos por fazerem parte de uma ancestralidade africana que contribuiu para a história do Brasil.

Esperamos que esta pesquisa venha a contribuir com os mais variados grupos de estudos, e aos demais que tiverem interesse em conhecer a história real de uma legítima quilombola, que teve sua identidade resgatada e aceita ao ingressar no curso de Letras/Português, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

O conhecimento transforma, isso é um fato consumado em minha vida.

CAPÍTULO 1 - IDENTIDADE E DIFERENÇA

1.1 Definindo conceitos

A identidade e diferença são resultados de criação linguística. Por quê? Tais concertos individuais não são essências próprias, não são simplesmente coisas que estão por aí à espera de serem descobertas, respeitadas ou toleradas, umas são frutos da construção de relações culturais e sociais, ou seja, identidade e diferença não são elementos naturais, mas elementos ativamente construídos, fatos da vida, por tanto atos de fala, atos de criação linguística, são criadas por meio de atos de linguagem.

Sabemos que identidade e diferença pertencem a uma cadeia de diferenciação; e essa cadeia também faz referência à diferenciação linguística. Identidade e diferença são determinadas pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição, pois os signos não fazem sentido se considerados isoladamente (SAUSSURE, 2012). Nesse sentido, diferença seria produto, ou seja, um processo básico de funcionamento da língua e identidade de instituições culturais e sociais.

Identidade e diferença não podem ser compreendidas fora do sistema de significação nos quais adquirem sentido por não serem próprias da natureza, mas sim resultados da cultura e dos sistemas simbólicos que as compõem, posto que a linguagem é sistema de significação e estrutura instável. Diante, disso podemos concordar com a afirmativa de que a linguagem vacila (DERRIDA, 2011) ou que todas as gramáticas “vazam”. Isso ocorre devido a uma característica do signo, que é ser um sinal, ou seja, uma marca no lugar do objeto; o signo não é uma presença da coisa ou do conceito.

No caso, na natureza da linguagem, temos a ilusão de ver no signo a presença do referente (coisa ou conceito), tal ilusão é necessária para o funcionamento do signo, pois ele se encontra no lugar de alguma outra coisa. Mesmo jamais realizada, essa promessa da presença faz parte da ideia de signo,

desse modo, essa plena presença do conceito no signo é adiada, e isso faz com que ele torne dependente ou um processo de diferenciação.

A consulta a um dicionário é um exemplo claro dessa presença e da diferença, segundo Derrida (2011), pois, ao consultarmos uma palavra no dicionário, este nos fornece uma definição ou sinônimo daquela palavra, porém não nos apresenta a “coisa”, o conceito; apenas nos remete para outros signos.

A definição discursiva e linguística da identidade e da diferença está sujeita a uma relação de poder por se tratar de uma relação social, sendo assim, não são simplesmente definidas, mas impostas. Ambas convivem lado a lado e se tornam campo hierarquizado. Na disputa pela identidade, está envolvida uma contenda mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. Afirmar a identidade e enunciar a diferença traduz o desejo dos diferentes grupos sociais e, mesmo de forma equilibrada, buscam um acesso privilegiado aos bens sociais. Tratar de identidade e diferença, é tratar basicamente de diferenciação como o processo central de criação de ambas.

Outros processos significativos também traduzem essa diferenciação, e as que não traduzem pelo menos são geradas junto a ela como uma relação estruturada; são marcas da presença do poder: incluir/ excluir. Trata-se de quem e a quem não pertencem; significa dizer também o que somos e o que não somos. Demarcar fronteiras envolve superação e distinção, ou seja, refere-se ao “nós” / “eles”, que, nesse sentido, não são simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições de sujeitos fortemente marcados por relações de poder. O fato é que identidade e diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações (TOMAZ, 2000, p. 74).

Derivadas ao analisar as oposições binárias, conclui-se que identidade e diferença estão relacionadas a oposições: branca/preta; masculino/feminino; e assim por diante.

Ao se tratar da fixação da identidade, pode-se afirmar que é uma possibilidade, pois trata-se de um processo que oscila entre dois movimentos: de um lado estão os processos que tendem a fixá-la, e de outro os processos que tendem a subvertê-la.

Esses processos se assimilam ao mesmo tempo em que ocorre com os mecanismos discursivos e linguísticos, nos quais a identidade se sustenta. Nesse sentido, prioriza-se exemplificar cair a identidade nacional, como identidades que funcionam em grande parte por “comunidades imaginadas”, segundo Benedict Anderson (2008). Na medida em que uma “comunidade natural” “não existe, para que se possam reunir as pessoas constituintes de determinado grupo nacional, ela precisa ser incentivada, é preciso que laços imaginários sejam enviados para que se permitam “ligar” pessoas, pois, sem eles seriam indivíduos isolados, sem nenhum “sentimento” de terem qualquer coisa em comum.

A língua faz parte desse processo, e juntamente com ela a construção de símbolos racionais, entre esses símbolos (hinos, bandeiras, brasões) destacam-se os “mitos fundadores”, que se referem a um momento crucial do passado em que algum gesto, acontecimento em geral heroico, épico, monumental, comumente iniciado ou executado por alguma figura “providencial”, inaugurou as bases de uma suposta identidade nacional.

Se é verdade ou não, pouco importa, o importante é que tal narrativa fundadora funciona para dar à identidade nacional a liga sentimental e afetiva que lhe garante uma certa estabilidade e fixação. Tais mitos que tendem a fixar as identidades nacionais são exemplos de essencialismo cultural.

Subvertendo e complicando a identidade, movimentos foram criados para esse propósito, e buscam enfatizar os processos em contraste com o método de tentar fixá-la, trabalhando para contrapô-los.

O movimento ou hibridização das identidades por meio de migrações nas últimas décadas se deu pela mistura, a conjunção, o intercurso entre diferentes nacionalidades, entre diferentes raças e diferentes etnias. Trata-se de um processo ou hibridização que confunde a suposta pureza e insolubilidade dos grupos que se reúnem sob as diferentes identidades nacionais raciais ou étnicas.

Trata-se de uma identidade não original, que possui traços, mas nascem de redações conflituosas entre os diferentes grupos que estão ligados à história de ocupação, colonização e destruição.

1.2 Identidade e o sentido de pertencimento

Embora para o conceito de representação há uma longa história, alguns teóricos ligados aos estudos culturais recuperaram esse conceito e o desenvolveram em conexão a uma teorização sobre a identidade e diferença. Na perspectiva pós-estruturalista, esse conceito incorpora todas as características de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídas à linguagem. Cabe aqui um questionamento sobre as pretensões miméticas, especulares e reflexivas que são atribuídas à representação pela perspectiva clássica. Assim, neste caso, essa representação não se aloja à presença do “real” ou do significado, é nesse contexto que a identidade e diferença se encaixam, pois são estreitamente dependentes da representação, é por meio dessa representação que ambas adquirem sentido e passam a existir. Desse modo, identidade e diferença também se ligam ao sistema de poder, pois quem tem o poder de representar possui também poder de definir e determinar a identidade. A representação é que lhes dá suporte e sustentação.

John Austin (1990), na formulação inicial do conceito de “performatividade”, ao contrário da visão que geralmente se tem da linguagem, não geralmente se tem da linguagem, não a descreve simplesmente por uma ação, uma situação ou um estado de coisa. A linguagem tem pelo menos uma outra categoria de proposições que não se ajustam a essa definição: são aquelas proposições ao serem pronunciados fazem com que algo se efetive, se realize. São as proposições de “performativas”. Por exemplo: “Eu vos declaro marido e mulher”.

Nesse sentido, só podem ser considerados performativas aquelas proposições cuja enunciação é absolutamente necessária para a consecução do resultado que anunciam.

Entretanto, muitas outras sentenças descritivas também acabam funcionando como performativas. Essas sentenças, embora pareçam ser descritivas, podem funcionar em um sentido mais amplo; performativa sim, mas, na medida em que sua repetida enunciação produza o “fato”, que supostamente apenas deveria descrevê-lo.

Para isso, é crucial a adoção de uma teoria que descreva e explique o processo de produção da identidade e diferença. Uma estratégia que admita e

reconheça o fato de que diversidade se torna incapaz de favorecer os instrumentos para questionar precisamente os mecanismos e as instituições que fixam as pessoas em determinadas identidades cruciais, e que as separem por meio da diferença cultural.

Antes de respeitar e admitir a diferença, é preciso que se explique como ela é produzida. A diversidade cultural não é um ponto de origem, mas o ponto final de um processo conduzido por operações de definição. Uma política pedagógica e curricular da identidade e diferença tem a obrigação de ir além de declarações de boa vontade para com a diferença, e deve colocar no seu interior uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença da identidade, mas questioná-la, estimulando as possibilidades de perturbação transgressão e subversão das identidades existentes.

CAPÍTULO 2 – LÍNGUAGEM E IDENTIDADE

2.1 Apropriações discursivas

A língua é um elemento transformador que promove a interação entre as pessoas, devido à necessidade do homem em expressar seus pensamentos e sentimentos. Esse foi o meio encontrado para realizar a comunicação, que pode ser feita por meio da fala, da escrita dentre outras formas de linguagem. Dessa forma, estreitam-se ideias, a cultura, as ideologias e os conhecimentos, permitindo a construção do homem como ser social, político e ideológico.

A linguagem, de modo amplo, tanto quanto língua e fala, se constrói por quatro fatores fundamentais: fatores físicos - que nos permitem falar, escutar, escrever e ler; fatores socioculturais - que determinam a diferença entre as línguas e as linguagens dos indivíduos; fatores psicológicos - que incitam a necessidade e o desejo da informação e da comunicação; e os fatores linguísticos - que se referem à estrutura e ao funcionamento da linguagem.

Identidade é aquilo que sou: se digo, sou brasileira, quilombola, mulher negra, é dessa forma que me identifico. Trata-se da origem do indivíduo, das suas raízes, da sua cultura, e é sobre esse alicerce que o sujeito se constrói, podendo se identificar como ser único.

Como as diferentes identidades podem se relacionar dentro de uma mesma cultura? Tal relacionamento se dá através dos conhecimentos e práticas resultantes das interações sociais entre os sujeitos, nesse sentido, eles são criados, promovendo interações que visam aos mesmos valores, bem como crenças e costumes.

A linguagem é o fator principal na construção da identidade, pois é através dessa capacidade natural que o ser humano possui de comunicação, seja por meio de palavras, gestos, imagens, sons e expressões, que os sujeitos interagem e ampliam seus conhecimentos, sentimentos e emoções, possibilitando a construção individual da identidade de cada ser.

Uma vez que a identidade proporciona a compreensão das predileções do indivíduo, e seu pertencimento a determinado espaço ou local, no qual a cultura faz-se presente, engloba várias simbologias, crenças e valores carregados de história.

A cultura, em suas diversas abordagens, corrobora para a definição da identidade, pois, de alguma forma, os indivíduos, em sua gênese, possuem contato com algum modo de cultura, acreditando-se que esse elo inicial seja transmitido e influenciado em seu marco inicial pela família e depois por outros meios de sociabilização

Para que se desconstrua esse conceito para o entendimento de identidade cultural, Jaques Derrida (2011) apresenta uma corrente teórica, na qual organizam-se discussões sobre uma posição filosófica clássica, na tentativa de romper com o pensamento ocidental, possibilitando novas formas de pensar, sem descartar o processo de construção inicial de determinado conceito.

Stuart Hall (2000) define cultura de duas maneiras: domínios de ideias e práticas sociais. Segundo ele, cultura significa: sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existências e respondem a estas, e também como as tradições e práticas vividas, através das quais esses entendimentos são expressos e nos quais estão incorporados.

Nesse sentido, multiculturalismo apresentaria dois conceitos: da diferença - voltado para dentro, em uma visão que atende os próprios interesses ressaltando a importância de determinada cultura e sua alegação de superioridade; e crítico – voltando-se para fora, em uma abordagem organizada para desafiar os preconceitos culturais de classes sociais dominantes com o intuito de expor a parte vulnerável do discurso hegemônico.

Segundo Zigmun Bauman (2005), a identidade nasceu da crise do pertencimento, no qual o Estado buscava a obediência de seus indivíduos, uma noção propriamente dita, sem Estado destinava-se a ser insegura a respeito de seu passado. Incerta do presente e, principalmente seu futuro, seria cheia de dúvidas.

A identidade nacional passa a ser imposta, e quem governa decide a nacionalidade e também um destino compartilhado por uma nação, mas que permanece incompleta, devido ao poder de exclusão e da distinção ao traçar, impor e policiar a fronteira entre o “nós” e “eles”.

No período marcado pela chamada “crise da identidade”, ocorreram mudanças, deslocando estruturas e processos centrais da sociedade moderna, desencadeando abalos em quadros de referência, que anteriormente sustentavam e ancoravam os indivíduos em um mundo social estável, pois a identidade agora é “algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do ensinamento” (BAUMAN, 2005, p. 70).

A identificação é vista como uma construção, nunca completa, mas sempre em processo dando ao indivíduo a possibilidade de ser sempre sustentada ou abandonada, sendo um processo de articulações, saturações, sobre determinações e não uma subjunção, mostrando-se com uma falta e nunca ajuste completo, total e acabado (BAUMAN, 2005, p. 72).

A identidade é relacional, pois sua existência só é possível quando fatores externos se contrapõem. Tem-se outra identidade para se definir, é através da diferença que uma identidade busca opor-se à outra, demarcando fronteiras e significados, então, essa identidade necessita ser atrativa e ainda mostrar-se diferente da outra já disponível.

A análise de um processo de identificação individual em relação à determinada cultura necessita ser minuciosa, pois é através dela que podemos verificar quais os principais meios que a envolvem e a estimulam a pertencer à alguma cultura e seu conjunto de significados.

Neste processo de identificação, um dos aspectos que mais sobressaem na hora da escolha de uma identidade prevalecem os valores, as crenças e os significados que aquela cultura exprime para aquele indivíduo e também por influências externas (família, trabalho, educação, entre outros).

Compreende-se que a construção social da identidade ocorre em um contexto de poder. Manuel Castells (2008) propõe três formas de distinção e origem de construção da identidade:

- **Identidade de Resistência:** criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica de dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade.
- **Identidade de Projeto:** quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e fazê-lo buscar a transformação de toda a estrutura social.

A identidade que começa como resistência pode acabar em projetos, tornando-se dominantes, e assim identidades legitimadoras.

Dessa forma, a identidade, tal como a diferença, faz parte de uma relação social, sendo sujeita a vetores de forças e relações de poder, não sendo definida, e sim imposta, não convivendo harmoniosamente, mas sendo disputada.

Com o processo relacional (indivíduo /sociedade ou indivíduo/ cultura), passa-se a encontrar diferenças identidades, espaços de convivência, de cultura e, principalmente, diversas formas de lutas, originando outras oportunidades de remodelar sua identidade.

2.2 Cultura e Identidade

São muitos os conceitos de cultura discutidas, cada autor deixa um posicionamento pessoal. Tomemos a seguinte:

No processo evolutivo da definição do conceito de cultura, observa-se que a cultura primeiramente foi relacionada com uma raiz etimológica relacionada ao trabalho rural, sendo sinônimo da palavra civilização, ou seja, um processo de progressão intelectual, espiritual e material, em que o homem era civilizado pela presença de costumes e atitudes

morais denominadas na época, se não possuísse era denominado selvagem (EAGLETON, 2011).

Para Bauman (2005), o conceito original de cultura seria um agente da mudança do *status quo*, e não utilizado para sua perseverança, elaborado especialmente para educar as massas e refinar costumes, melhorando a sociedade e aproximando o povo. Para o mesmo autor, o projeto iluminista atribuiu à cultura um status de ferramenta básica para a construção de um Estado ou Nação, e de um Estado-Nação, ferramenta esta que se mantinha nas mãos da classe dita instruída para tal.

Contudo, Marilena Chauí (2008) ressalta que a cultura se tornou sinônimo de progresso, sendo possível analisar o progresso de determinada civilização através da cultura, e vice-versa. Determinadas sociedades foram avaliadas pela presença ou ausência de determinadas características do ocidente capitalista, logo a falta de algumas características demarca a falta de cultura ou ainda que a sociedade em questão possui uma cultura pouco evoluída

Para Norbert Elias (1994) o conceito de civilização “representa o que o Ocidente tem de si mesmo, resumindo-se em tudo o que a sociedade ocidental se julga superior as sociedades antigas ou sociedades contemporâneas mais primitivas”, dando-se a essa sociedade um caráter especial, englobando os níveis tecnológicos, a natureza de suas maneiras e o avanço de sua cultura científica.

Porém, quando se depara com uma época de globalização e uma evolução constante da modernização, a perspectiva desse conceito precisa perpassar por uma pluralização, que multiplica os processos de identificação e as formas de representar a cultura. Contudo, destaca-se que essa vivência com as mudanças mostra como a sociedade sai de uma fase totalmente sólida para a fase líquida, sendo o movimento que torna líquida a modernidade é sua modernização compulsiva e obsessiva.

Entretanto, Caldas (2008) ressalta que esse processo de globalização necessita ser analisado por uma perspectiva ideológica, pois as ideias neoliberais e a maximização do lucro colaboram para a globalização. Desta forma, para o autor, algumas comunidades ainda não têm ideia dos processos de acesso à globalização, sendo necessária uma democratização de todas as tecnologias e acessos a elas, denotando que a cultura de globalização é a

existência de uma “cultura da tecnologia eletrônica”, que ainda não foi inteiramente globalizada.

Entretanto, deve-se atentar para que o mundo não seja definido como uma cultura, corroborando para uma relativização, na elaboração da negação do outro e, principalmente, compreendendo que os nossos pontos de vista não são unicamente razoáveis, e os de outros povos ou pessoas são extremistas, ou até mesmo que o modo de vida de um povo é superior a outro, mostrando que o outro é culturalmente estranho ou selvagem.

A partir do século XX, estruturou-se uma concepção ampliada da cultura, inaugurando-se a antropologia social e a antropologia política, no qual a cultura irá exprimir, de maneira historicamente e materialmente determinada, a ordem humana simbólica, e principalmente a individualmente e a estrutura própria da mesma (CHAUÍ, 2008). O termo cultura, então, adquire um novo abarcamento, que não abrangia antes, sendo entendido

como produção e criação da linguagem, da religião, da sexualidade, dos instrumentos e das formas do trabalho, das formas da habitação, do vestuário e da culinária, das expressões de lazer, da música, da dança, dos sistemas de relações sociais, particularmente os sistemas de parentesco ou a estrutura da família, das relações de poder, da guerra e da paz, da noção de vida e morte (CHAUÍ, 2008, p.57).

Cultura consiste em: ideias, abstrações e comportamento. A partir desse momento, o homem torna-se o centro da cultura, de suas especificações e, principalmente, em relação à criação de símbolos que os distinguem de outros povos ou comunidade.

Porém, com o novo subcampo de estudos sobre cultura, os estudos culturais, através do multiculturalismo, colocam em questionamento as teorias sustentadas por perspectivas antropológicas, no qual crê-se na individualidade cultural, e que no processo de imigração o indivíduo não se deve assimilar a cultura predominante, sendo necessária a compreensão das diferenças.

A partir disso, nesse processo de discussões sobre apropriação culturais, surge neste cenário, um protagonista de uma luta multicultural, não sendo mais representado pelo cidadão ou trabalhador, mas por um ato cultural que através da identidade cultural e suas políticas, conseguem um controle da cultura, ressaltando assim a relevância da identidade nesses processos.

CAPÍTULO 3 – RESGATANDO IDENTIDADES

3.1 Falas e falares

O presente capítulo dedica-se à organização dos registros das falas feito por meio de entrevistas com meus familiares pertencentes à comunidade quilombola. Os depoimentos foram pautados a partir da seguinte sequência de perguntas:

- 1- Conte um pouco sobre sua história de vida.
- 2- Como foi sua experiência com a aprendizagem da linguagem.
- 3- Como você se considera em termos de identidade?
- 4- Qual a importância da educação para você?
- 5- Como você se vê dentro da sua comunidade?

Gravações-Respostas:

Benedito Lopes Caixeta – 75 Anos (pai)

1 - “Posso” sabe o que que acontece? Acontece que quando eu era criança, e minha mãe a casa dela era de capim, e aí eu “trabaia” “prum” “home” que o nome dele era Delino ... Eu ... Quantos anos o senhor tinha? Ele: eu “num sei” eu “tava” novo, uns 12 anos por ai, sei lá, por aí. Eu vou “trabaia” “pro ce”, e “oce” compra um “apareio” de “ropa” pra mim. “preu’ “i” numa festa, ele pega e compra o “apreio” de “ropa”, e eu muito satisfeito com aquilo, e a casa da minha mae que era de capim, “pegô” fogo e “queimô” minha “ropa” tudo, aí eu bati o “juei” no chão e pedi a Deus: Deus tire eu dessa vida, que eu “sô” pobre demais, e minha mae sem “podê” “mora”, por que pobre demais nem casa “nem” tinha, aí... eu pedi Deus e “memo” assim eu fui “trabaia “. Fui “trabaia” “prum” “home” que chamava seu Olavo, falei assim: “Seu” Olavo me dá um “poco” de feijão “modi” eu “pranta”, ele deu. “Falo” assim; eu “vo” te dá 30

litros, e deu "memo", e eu "prantei", e deu sete "saco". Eu pensei "vo" chegar la "que vê" aí peguei, tirei duas quartas "pra mode" eu "pranta", tirei "quato" quarta "pa" minha mae "cume", e o resto eu "vindi" e comprei um cavalo "mode eu anda", que eu "num " tinha, ... "meninu"... "prô ce ve " vai "assuntando" a "istoria", ne "istoria "não, foi verdade... Aí eu dei o resto de feijão "pu seu" Olavo "vende", e ele vendeu e me deu o dinheiro. Eu comprei 600 "teia". Deu uma casa grande, aí eu fiquei muito satisfeito, e falei; "Ô" meu Deus, mais que Deus tao "bao". E continuei "trabaia ", "trabaiava pro home " de dia, e de noite ia "cuida" em "faze" a casa. E assim eu fui "fazeno" até da conta da casa fechadinha. Ai eu "varei" assim, de vara, e fui"pono" barro " ta-ta-ta ..." a casa "fico" so de barro, aí "nois" "moro" la, a casa "fico" grande, 3 "cambao".

2 - Não. É por que na época, a gente sentava e escutava as mais "vei" "exprica as cossa", pra gente "se" pessoa indicada, "sabê trata os zoto" "num da macriação" então antigamente tinha isso, a gente "aprendia" "escutando". E fui criado com pobre e um fazendeiro rico, o podre "num cansa" sentido "pa ti" responsabilidade (não todos) já o rico sempre é mais estudado (tem rico qué é mais desajeitada mais "ezi" é mais curioso)

3 - Muito suprimto eu "conformo" porque Deus "tamem" sofreu, "Sô" satisfeito.

4 - É importante "pro" causa que a pessoa analfabeto "sofre" demais. "As vêis" a gente "num" é bobo de tudo, mas se "tivé" estudo é "mio", por que abaixo de Deus o estudo é a "mio" coisa.

5 - Eu sinto bem, "num" quero saí daqui, se "fô" preciso eu saio, mas "num" quero.

Terezinha Lopes Caixeta – 72 Anos (tia)

1 - “Intigamente” a gente sofria muito, aí depois a gente vai “miorando”, meus “fios” cresceu e “tomô” outras atitudes então a gente vive “mais “ bem controlado, ‘mais’ bem, e “cabô” aquela “manbancera” que tinha.

2 - “num” lembro quando eu era mais “pequenizinha”

3 - Depois que a gente “ficô” “mei perrengado”, ai parece que a gente fica mais estressado, mais sempre fui tranquila “num” gosto de “infezá” atoa, ‘num’ gosto de “pobrema”. Sinto feliz como quilombola, dessa comunidade porque “nois” sempre foi livre, meu pessoal é sempre foi escravo.

4 - Eu acho importante o estudo, sempre falo ‘pros’ meus netos o seguinte: Eu nunca estudei por que naquelas ‘epoca’ não tinha escola, e a gente “trabaiava” “pu zoto” e escola até que tinha mais a gente tinha era que “trabaia” e “ficô” sem estudar. A escola era “só pá ” rico, se hoje eu tenho um ‘ estudinho’ é por que eu pedi a “Fisica” (parente próxima), e sempre passava na televisão e eu pedia a Jesus que eu não queria “morrê” sem “aprendê” a “escrevÊ” meu nome. E Deus me ‘ajudô’ e muito, eu ‘vo’ ‘pa’ Goiânia eu assino, se eu preciso pegar meu remédio lá em “Vianópi” (Vianópolis) eu tem que assinar. Qualquer coisa eu assino, so que se eu “tevê” nervoso aí ‘num’ fica muito bonita a letra, mais ‘de vagarzinho’ eu consigo. Aprendi a “escrevê” soinha. Quando chegava alguém eu falava: gente tá certo? Se ‘tivê’ errado fala que tá errado. Aí ‘ez’ ‘falava’: - Essa letra aqui tá certa, essa tá errada. Aí eu pensava, meu Deus “cumé” que “faiz”? Aí eu “cumeçava” a “chora”. Quando foi um dia Deus falou assim: “firma “ a ideia, e eu “firmei”, e aí eu aprendi, eu só assino o nome ‘malé má’ “mar “ já “ta bao”.

5 - “Uaí” eu “crei” que sim, eu ‘sô’ uma da mais “veia” da comunidade.

Waldivino de Almeida Pires – 59 anos (primo em 2º grau)

1 - Eu sou um descendente de quilombola dos “Zalmeida”, nascido em 1962 aos 20 do mês de dezembro, é ... nasci no caminho da roça, quando a mãe levava almoço ‘pro’ meu pai. “cê” acredita? Mais foi verdade. Então, eu vim ‘duma’

família pobre descendente de negros, a minha tataravó era escrava 'ligitima' e 'sô' também descendente de índio, tenho um pouquinho de sangue de índio, por que minha bisavó era índia, então essa é um 'poco' da minha 'istoria' de vida.

2 - Olha, uma experiência muito boa, é um 'poco' de 'contoversia' porque? No nosso portugues hoje nem sempre a gente "aprendia" pelos lados corretos, "aprendia" o certo mais um pouco com uma linguagem uma pouco perversa, não concluída pelo aprendizado porque "as veiz" a gente lia bom, mais não falava 'bom', dizia "bao" então era isso a gente aprendia pelo lado certo, mais "as veiz" 'num' executava o certo né?

Então é uma linguagem um 'pocô' controversa, até mesmo o ritmo do pessoal que mora na zona rural, 'num' tem aquela cultura de 'fala' você, "dizê" sempre no plural ne, "dizê ocê", 'purque', quem, vocabulário é um 'pocô' diferente, e a gente segue a regia.

3 - Olha eu me sinto "pvirlegiado", porque? Raças e crenças todas são iguais, agora, eu como quilombola por 'sé' negro por que, negro é uma descendência e tem vários 'país' que tem vários negros, tanto é que a parte negra, eu acho que é "pocô" maior, é... Tem o branco? Tem. Mais o negro, tem o mulato, tem o 'cafuso' e o branco só branco né. "Intão" eu acho que a raça negra ela, nem é 'dislongiada' ela é "pvirlegiada", porque ela se mistura bastante, ela 'colori', o negro 'colori', o preto (cor) 'colori' tudo.

4 - A "iducação" é importante porque vem do estudo, ela vem "as veiz" de berço, não querendo 'dizê' só o que o seu pai e sua mãe te 'insinô', mais o que "ocÊ" 'aprendí' na escola, no livro, sem pai te 'ensina' a "sê" educado, a 'respeita' as pessoas, tratar bem, mais, o mais você só aprende com a leitura, na educação básica né, uma educação pessoal, então eu vejo a educação dessa forma, e até gostaria de "tê" estudado um 'pocô' mais, mais a gente assim mesmo 'tô' satisfeito. O "poquim" que eu sei, que eu aprendi na escola, da 'pra' 'mim' "defendê".

5 - Olha, dentro da minha comunidade, até é ruim "dizê" mais eu me sinto uma pessoa de muita honra, as pessoas me 'considera' bastante, eu tenho grandes

amizades, as pessoas tem 'bastante' respeito por mim, já cheguei a ser líder na comunidade, e até hoje eu tenho uma certa liderança em determinadas coisa, tenho muitos amigos. "Intão" dentro da minha comunidade dentro da minha região, eu me sinto honrado, me sinto "pvirlegiado", tenho orgulho de "sê" da região.

3.2 Registros fotográficos















CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estarmos atentos e abertos para a fala do outro é uma forma de penetrar sua alma com respeito e consideração, entendendo que ali está um ser humano, dotado da mesma humanidade minha e que, portanto, é um ser digno de ter sua identidade resguardada.

Pois não nos definimos apenas por sermos camponeses, mas também pelas categorias étnico racial e de gênero. Portanto, nossas experiências de desigualdades nos nega nossos direitos básicos que são cotidianamente atravessados por esta intercessão racial de gênero, bem como nossas formas de expressão socioculturais e modos políticos de resistência, que permitem nossa organização coletiva e insurgências subjetivas. Mesmo assim, somos dotados de esperança por um mundo com seres humanos mais capacitados para igualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, John. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHAUÍ, M. A linguagem. In: _____. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 136-151.

COLEHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho. Língua cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, V, n.1, p.24-34, jan./jul.2013 (INSS 2179-3948-online).

DERRIDA, Jacques. **A Língua não pertence**: entrevista com Jacques Derrida. Tradução não publicada de Carlos Teixeira. [S.l.: s.n.], 2001.

_____. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Silva e Pedro Leite Carvalho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de; PERUCELLI, Tatiane. Cultura e identidade: Compreendendo o processo de construção/ desconstrução do conceito de identidade cultural. **Cadernos de estudos culturais**, Campo Grande, MS, v. 2, p. 111-133, jul./dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed., - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTIAGO, Silvano. (Org.). **Glossário de Derrida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 34 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In.:_____ (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 07-72.